



Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Joana D'Arc entre a História e a Literatura:
de Jules Michelet a Érico Veríssimo

Julia Matos¹

Professor em todo o momento, trabalhando para formar homens franceses, tinha pressa em escrever (...) a história de Joana D'arc, a pátria francesa 'nascendo do coração de uma mulher, de sua ternura, de suas lágrimas e de seu sangue'.

Emile Bourgeois

A Literatura como conceito surgiu a partir do século XVI. Isso não significa que anteriormente a literatura fosse inexistente, apenas sua conceituação foi feita *a posteriori*. Nesse processo de desenvolvimento, seu significado mudou através dos tempos. No entanto, algo permanece dado em seu conceito: literatura é aquilo que num dado momento histórico é considerado literatura. Em seu núcleo principal se encontra o ficcional e esse seria o caráter fundamental que a distingue da História. Em contrapartida, a História teria o objetivo de alcance da verdade histórica. Se ela alcança ou não a veracidade em suas pesquisas não é importante, pois o que a difere da Literatura é que seus eventos fundantes são verificáveis. A História busca uma compreensão que é interpretativa, mas seu compromisso é com a verdade. Com certeza, em seu trabalho a interpretação é o central, mas, isso não a qualifica como simples narrativa. Ao seu lado, constantemente comparada por especialistas, encontrar-se-ia a própria Literatura. Essa diferentemente da História, não estaria preocupada com a verdade, mas com a verossimilhança (que não é a verdade, mas aquilo que é aceitável em determinado momento histórico). Entretanto, a literatura também pode apresentar largas distâncias com a verossimilhança, (como é o caso da obra “Alice no país das maravilhas”, narrativa fantástica, mas que é rica e significados), pois seu cerne é a ficção.

No entanto, Literatura e História se relacionam. A narrativa literária possui uma densidade discursiva que de forma explícita ou implícita se relaciona com a história. Isso, porque a narrativa, base da composição literária, é um tipo de discurso (porque sempre

acrescenta opiniões). Portanto, toda a narrativa possui um narrador e todo o escritor quer dizer algo. Claro que precisamos considerar os interesses econômicos de alguns autores, da mesma forma, que muitos almejam comunicar algo para a sua época. Nessa intersecção, entre o anseio de comunicação, a narrativa e o contexto, encontramos a produção o romance histórico. Muitos dos falseamentos históricos ou poderíamos dizer mitos, são constituídos a partir da literatura, a qual pode ser tão detalhista e rica em contexto que o leitor teria dificuldade em separar real de ficcional.

Em direção a reflexão sobre os mitos construídos e legitimados na historiografia podemos perceber que o personagem Joana D'Arc e tudo que envolve sua biografia estão imersos em névoas que separam a imaginação, o romance e a história. A jovem Joana e sua saga foram por muito perpetuadas por poetas, literatos e historiadores. Logo após sua morte, julgada em tribunal inquisitório, recebeu de Cristine de Pizan², um poema de exaltação ao seu grande feito de bravura³. O mito da jovem virgem que surgiria entre camponeses para guiar os exércitos franceses contra os ingleses, até alcançar a vitória e a coroação do Delfim Carlos em Reims como Carlos II, faz parte não apenas da mentalidade popular como da própria história da França. Desta forma, sua imagem transitou entre o real e o imaginário, o histórico e o ficcional. Primeiramente, a jovem foi condenada como herética; vinte anos após a sua morte, entre 1450-1456, foi novamente julgada, absolvida da acusação de bruxaria, a pedido de Carlos VII⁴ e canonizada como santa.

Com o intuito de perceber como a literatura e a História se entrelaçam de forma imbricada na biografia de Joana D'Arc, o presente artigo se propõe a análise os objetivos de Jules Michelet, na França do século XIX e, Érico Veríssimo, no Brasil da era Vargas, ao construir a imagem de sua heroína.

Sob um primeiro olhar poderia parecer absurdo qualquer aproximação entre Jules Michelet vivendo na França do século XIX e Érico Veríssimo, natural de Cruz Alta, morador de Porto Alegre nos anos de 1930. O que ligaria um escritor, brasileiro, contratado pela Editora Globo ao historiador chefe da seção histórica do Arquivo Nacional Francês? Só há uma resposta: “A heroína Joana D'arc”.

Michelet como professor e chefe do Arquivo Nacional preocupou-se na formação da identidade nacional francesa. A história no século XIX, se firmava como Mestra da vida, ou seja, legitimadora do presente, constituidora de heróis, modelos a serem seguidos, tipos ideais que cristalizassem em torno de si a identidade nacional. Sendo assim, pôs-se a escrever a História da França⁵, buscou na personalidade de Joana D'arc, a heroína, a libertadora e

transformou-a na imagem da própria França. Empenhado em formar jovens franceses fiéis e orgulhosos de sua pátria, de suas origens, transmitiu a vivacidade da heroína como exemplo a ser seguido. Em outra obra “Imagens da França”, descreveu a França com as feições de formas de uma mulher, a qual seria exemplificada por Joana D’arc.

A biografia da jovem guerreira, que se tornou um tomo da história da França, inaugurou uma nova maneira de ver a história e sua representação das sociedades. Para Michelet a regra a priori do método histórico é dar preferência aos testemunhos, aos sentimentos compartilhados por um povo, suas emoções e esperanças. Ele almejava fazer reviver os mortos, faze-los falarem. Esse objetivo era traçado a partir de compromissada pesquisa em arquivos, museus e viagens. As viagens eram estruturadas de acordo com um roteiro montado a partir da história de Joana. Ao chegar nos locais como Donremy, o historiador entrevistava as pessoas locais, procurava colher entre o povo suas crenças e imaginário sobre a jovem guerreira.

A obra de Michelet, antes de ser histórica é política. O historiador soube resgatar o mito para construir uma identidade. Michelet acreditava na verdade e sua preocupação com a seriedade na seleção das fontes revela isto. Ele cria na possibilidade de ressurreição da vida integral. Sua exploração dos sentimentos devia-se a sua ânsia por trazer a tona todos os aspectos da vida dos personagens eleitos. Sua obra é política não pelo conteúdo, mas por sua ação na formação do sentimento nacional francês. A França foi um país que através de personalidades como o historiador Jules Michelet soube trabalhar muito bem a construção da idéia de nação.

Mas e a pequena Joana D’arc brasileira, que chegou em 1935 às mãos das crianças porto-alegrenses – através das sábias mãos de nosso “imortal” Érico Veríssimo, publicada pela Editora Globo?

A década de 30 foi conturbada, após a Revolução de 1930, que colocou Getúlio Vargas no governo provisório, diante da ausência da proclamação de uma nova Constituição Federal São Paulo se levantou em armas e empreendeu a Revolução Constitucionalista. Seu derradeiro final levou o governo a convocar a Assembléia para a elaboração da tão sonhada Constituição. No entanto, esta nova Constituição serviu aos interesses do governo varguista, pois previa eleições indiretas em 1934, quando Getúlio Vargas foi então eleito, pela Assembléia, Presidente do Brasil. Não passado muito da legitimação de Vargas no poder, tivemos a rápida Intentona Comunista, que almejava tomar o poder federal e implantar o novo tipo de governo soviético que dividia opiniões no mundo inteiro. O mundo estava, desde a

Revolução Russa de 1917, dividido entre países capitalistas e comunistas. No Brasil o comunismo era pregado como uma ameaça às liberdades individuais e por isso o governo Vargas configurou-se como anticomunista.

O Brasil assumira as feições de um país revolucionário. Aquela velha cara de país pacato⁶, nos anos 20 e 30 caíra por terra. Durante o movimento tenentista jovens deram suas vidas pela causa do Brasil, na Revolução Constitucionalista, novamente foi à juventude que se alistou e entrou nas frentes de batalha. Sabemos que por trás de tudo isso havia a guerra entre as elites brasileiras, que lutavam por poder político e dirigente, meros personalismos, como diria Sérgio Buarque de Holanda.⁷

Em meio a tudo isso, Érico Veríssimo escolheu ofertar ao público infantil uma biografia de Joana D'arc, a “libertadora” da França, a “revolucionária das causas justas”. No prefácio da obra, edição de 1960, escreveu Veríssimo:

Vinte anos depois decidia eu escrever a história da Donzela para crianças. Mergulhei na leitura dos principais livros que existiam sobre o assunto ao mesmo tempo que começava minha narrativa num estilo simples e poético à altura da compreensão de meninos e meninas entre seis e treze anos. À medida, porém, que ia conhecendo melhor a história de Joana d'Arc, eu me convencia de que seria uma pena ter de reduzir a narrativa a menos duma centena de páginas - conforme ficara combinado com o editor - e a um limitado número de episódios, como convinha ao gosto da clientela a que o livro se destinava. Acabei mandando para o diabo todas as limitações e escrevi a história como achei que devia escrevê-la, sem pensar em conveniências tipográficas nem na idade de seus possíveis leitores. O resultado é este livro em que a vida da Donzela aparece romanceada até onde me foi possível fazer isso sem trair a verdade histórica (VERÍSSIMO, 1960).

Na citação do autor, vemos duas preocupações centrais na produção da Joana brasileira, a preservação da história da guerreira e o romance. Algumas estudiosas da obra de Veríssimo: como Ana Mariza R. Filipouski e Regina Zilberman, preferiram excluir este livro análise do conjunto literário produzido pelo escritor dedicado às crianças. No entanto, analisaram que no trabalho literário de Érico Veríssimo estão presentes dois paralelos “... às *constrições que recebe o artista, de um lado, de uma tradição cultural (...), de outro, das imposições que a própria trama fabrica, trama esta que serve ao artista para expressar sua visão de mundo*” (FILIPOUSKI & ZILBERMAN, 1982, p. 20). A preservação da visão de mundo do autor, vemos na própria escolha do personagem, pois publicado o livro em 1935, o Brasil vivia sob o governo de Getúlio Vargas e seus combates com a esquerda comunista. Esse ano foi repleto de embates, a Intentona comunista e a Lei de Segurança Nacional.

Assim, não é difícil para nós percebermos em Veríssimo, assim como em Michelet, o caráter didático de sua obra. Em *A vida de Joana D'arc* de Érico Veríssimo, percebemos o

cuidado do literato em passar aos leitores lições de vida. Concordando com Diana Maria Marchi, esta obra inaugurou o segundo período da literatura infantil gaúcha, que classificou de narrativas didáticas com qualificação histórica. Para Marchi, é o caráter religioso, cristão, moralista e disciplinador que mais se destacam na narrativa do autor. Mas, esta postura não combina com um escritor que dois anos mais tarde teve seu programa de rádio denominado “Amigo Velho”, no qual difundia literatura infantil, censurado pela política do Estado Novo, “... que considerou perigosas as histórias” (MARCHI, 2000, p. 105). A idéia de revolução contra o governo dominante, mesmo que diluída em histórias para crianças, era ameaçadora demais para o Estado Novo, fato que levou o programa de rádio estrelado por Érico Veríssimo à censura.

Érico Veríssimo, assim como Michelet, deixou de lado o imagem de santa da jovem Joana e colocou-a no centro da história como propulsora e testemunha das atrocidades acometidas pelos governos de sua época. *A vida de Joana D’arc* instiga no leitor, mesmo criança, a reflexão crítica do mundo em que vive, fornece-lhe condições para estabelecer ligações entre a vida da heroína e sua própria história. A Joana D’arc de Érico Veríssimo foi capaz de negar-se como mulher para lutar por sua pátria, para defender sua causa.

Desta forma, vemos como a Joana D’arc de Érico Veríssimo foi exemplo para a geração infantil brasileira que se formava a partir da leitura de sua obra, assim como a juventude francesa formou-se debruçada sobre os escritos de seu mestre Jules Michelet. Sendo assim, tanto uma geração quanto a outra foram capazes de sonhar com um mundo diferente, no qual elas mesmas poderiam ser as Joanas D’arc.

Fonte

VERÍSSIMO, Érico. *Joana D’arc*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1960.

Referências bibliográficas

FILIPOUSKI, Ana Mariza R. & ZILBERMAN, Regina. *Érico Veríssimo e a literatura infantil*. 2 ed. Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1973.

MARCHI, Diana Maria. *A literatura infantil gaúcha: uma história possível*. Porto Alegre. Ed. Universidade, UFRGS, 2000.

TORRESINI, Elizabeth Wenhausen Rochatel. *Editora Globo: uma Aventura Editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, Com-Arte; Porto Alegre. Editora da Universidade, UFRGS, 1999.

¹ Professora de História da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, formada em História Licenciatura pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2002), possui especialização em Teologia com habilitação para Ensino Religioso, mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005) e doutorado pelo Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social das Idéias Políticas, atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade Brasileira, Historiografia e Introdução a História do Brasil República.

² Escritora italiana que viveu na corte francesa, autora de o “*Livro das três Virtudes*”, traduzido para o português com o título o “*Espelho de Cristina*”, século XV.

³ Joana D’arc lutou contra o domínio Inglês sobre a França. Após inúmeras batalhas Calos VII foi, finalmente, coroado Rei da França. Joana entrou para a história como a libertadora do povo francês, a salvadora da pátria.

⁴ Carlos VII era o Delfim francês, que foi coroado Rei da França, graças à bravura de Joana D’arc e suas vitórias bélicas.

⁵ Obra que ficou em apenas seis volumes escritos por suas mãos, devido a sua destituição do cargo em meio aos desajustes do governo francês.

⁶ Exaltada por muitos historiadores e teóricos da história e política nacionais. Como exemplo podemos citar a obra *Porque me ufano de meu país* do Conde Afonso Celso.

⁷ Conforme, HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1973.